



A Santa Sé

JUBILEU EXTRAORDINÁRIO DA MISERICÓRDIA

**RETIRO ESPIRITUAL GUIADO PELO PAPA FRANCISCO
POR OCASIÃO DO JUBILEU DOS SACERDOTES**

PRIMEIRA MEDITAÇÃO

Basílica de São João de Latrão - Quinta-feira, 2 de junho de 2016

[Multimídia]

Exercícios Espirituais para os sacerdotes - 2016

Bom dia, queridos sacerdotes!

Começamos este dia de retiro espiritual. Creio que nos fará bem rezar uns pelos outros, em comunhão. Um retiro, mas em comunhão, todos.

Escolhi o tema da misericórdia. Começo por uma breve introdução a todo o retiro.

A misericórdia, no seu aspeto mais feminino, é o entranhável amor materno que se comove perante a fragilidade da sua criatura recém-nascida e a abraça, suprimindo tudo o que lhe falta para poder viver e crescer (*rahamim*); e, no seu aspeto propriamente masculino, é a fidelidade forte do Pai que sempre sustenta, perdoa e reencaminha os seus filhos. A misericórdia é, simultaneamente, o fruto duma «aliança» – daí dizer-se que Deus Se lembra do seu (pacto de) misericórdia (*hesed*) – e um «ato» gratuito de benevolência e bondade, que brota da nossa psicologia mais profunda e se traduz numa obra exterior (*eleos*, transforma-se em esmola). Este carácter inclusivo permite que esteja sempre ao alcance de todos «misericordiar», compadecer-se de quem sofre, comover-se perante o necessitado, indignar-se porque sente o íntimo estremecer-lhe diante duma injustiça patente e trata imediatamente de fazer algo de concreto, com respeito e ternura, para remediar a situação. E, partindo deste sentimento visceral, está ao alcance de todos contemplar Deus a partir da perspectiva deste primeiro e último atributo com que Jesus no-Lo quis revelar: o nome de Deus é Misericórdia.

Quando meditamos sobre a misericórdia, algo de especial acontece. A dinâmica dos Exercícios Espirituais fortalece-se a partir de dentro. A misericórdia faz ver que as vias objetivas da mística clássica – purgativa, iluminativa e unitiva – não são jamais etapas sucessivas, que se vão superando; mas sempre temos necessidade de nova conversão, de maior contemplação e de renovado amor. Estas três fases entrelaçam-se e retornam. Nada une mais a Deus do que um ato de misericórdia – não é um exagero: nada nos une mais a Deus do que um ato de misericórdia –, quer se trate da misericórdia com que o Senhor nos perdoa os nossos pecados, quer se trate da graça que nos dá para praticarmos as obras de misericórdia em seu nome. Nada ilumina mais a fé do que purificar os nossos pecados, e não há nada de mais claro que *Mateus 25* e a frase «felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia» (*Mt 5, 7*), para entender qual é a vontade de Deus, a missão que nos confia. À misericórdia pode-se aplicar este ensinamento de Jesus: «Com a medida com que medirdes, assim sereis medidos» (*Mt 7, 2*). Desculpai, mas eu penso aqui nos confessores impacientes, que «malham» nos penitentes, que os repreendem. Será assim que Deus os tratará a eles! Por esta razão ao menos, não façais estas coisas. A misericórdia permite a passagem de nos sentirmos «misericordiosos» a desejar «misericordiar». Podem coexistir, numa tensão saudável, o sentimento de vergonha pelos próprios pecados com o sentimento da dignidade a que o Senhor nos eleva. Podemos passar, sem preâmbulos, do distanciamento à festa, como na parábola do filho pródigo, e usar como recetáculo da misericórdia o nosso próprio pecado. Repito isto, que é a chave desta primeira Meditação: usar como recetáculo da misericórdia o nosso próprio pecado. A misericórdia impele-nos a passar do pessoal ao comunitário. Quando agimos com misericórdia, como nos milagres da multiplicação dos pães, que nascem da compaixão de Jesus pelo seu povo e pelos forasteiros, os pães multiplicam-se à medida que são repartidos.

Três sugestões

Três sugestões para este dia de retiro. A familiaridade alegre e franca que se estabelece, a todos os níveis, entre aqueles que se relacionam mutuamente no vínculo da misericórdia – familiaridade do Reino de Deus, tal como Jesus o descreve nas suas parábolas – leva-me a sugerir três coisas para a vossa oração pessoal deste dia.

A primeira tem a ver com dois conselhos práticos que dá Santo Inácio – peço desculpa pela publicidade «de família» –, ao dizer: «Não é o muito saber que enche e satisfaz a alma, mas o sentir e saborear as coisas de Deus interiormente» (*Exercícios Espirituais*, 2). E Santo Inácio acrescenta que, onde uma pessoa encontrar o que deseja e sente gosto, aí se há-de deter a rezar «sem ânsia de passar adiante, até que me satisfaça» (*ibid.*, 76). Assim, nestas meditações sobre a misericórdia, uma pessoa pode começar por onde mais gostar e parar aí, pois uma obra de misericórdia levá-la-á certamente às outras. Se começarmos por dar graças ao Senhor, que maravilhosamente nos criou e ainda mais maravilhosamente nos redimiou, isso levar-nos-á com certeza a sentir pesar pelos nossos pecados. Se começarmos por nos compadecer dos mais pobres e marginalizados, com certeza precisaremos também nós de ser «misericordiosos».

A segunda sugestão para a oração tem a ver com uma forma nova de usar a palavra misericórdia. Como já se deram conta, quando falo da misericórdia, gosto – embora forçando a língua – de usar a forma verbal: «É preciso “misericordiar” (usar de misericórdia) para “ser misericordiado” (receber misericórdia)». «Mas, Padre, isto não é português!» – «É verdade, mas é a forma que encontro para penetrar no mistério: «misericordiar» para «ser misericordiado». O facto de a misericórdia pôr em contacto uma miséria humana com o coração de Deus, faz desencadear imediatamente a ação; não se pode meditar sobre a misericórdia, sem pôr tudo em ação. Por isso, na oração, não nos ajuda intelectualizar. Rapidamente, com a ajuda da graça, o nosso diálogo com o Senhor deve concretizar-se sobre o meu pecado que requer que a misericórdia do Senhor pouse sobre mim, o pecado de que sinto mais vergonha e maior desejo de reparar; e, rapidamente, devemos falar daquilo que mais nos comove, daqueles rostos que nos levam a desejar intensamente trabalhar para remediar a sua fome e sede de Deus, de justiça e ternura. A misericórdia contempla-se na ação; mas um género de ação que é *omni-inclusiva*: a misericórdia inclui todo o nosso ser – entranhas e espírito – e todos os seres.

A última sugestão para a jornada de hoje tem em vista o fruto dos Exercícios, isto é, a graça que temos de pedir e que é, diretamente, a graça de nos tornarmos sacerdotes mais «misericordiados» e mais misericordiosos. Uma das coisas mais belas, que me comovem, é a confissão dum sacerdote: é uma coisa grande, bela, porque este homem que se aproxima para confessar os seus pecados é o mesmo que depois presta ouvidos ao coração doutra pessoa que vem confessar os pecados dela. Podemos-nos concentrar na misericórdia, porque esta é a realidade essencial, definitiva. Pelos degraus da misericórdia (cf. Enc. *Laudato si'*, 77), podemos descer até ao fundo da condição humana – incluindo fragilidade e pecado – e subir até ao mais alto da perfeição divina: «Sede misericordiosos (perfeitos) como o vosso Pai é misericordioso». Mas sempre e só para «colher» mais misericórdia. Daqui devem derivar os frutos de conversão da nossa mentalidade institucional: se as nossas estruturas não vivem e não são utilizadas para receber melhor a misericórdia de Deus e para ser mais misericordiosos com os outros, podem transformar-se em qualquer coisa muito diversa e contraproducente. Nalguns documentos da Igreja e em muitos discursos dos Papas, fala-se disto: a conversão institucional, a conversão pastoral.

Portanto, este retiro espiritual encaminhar-se-á pela senda daquela «simplicidade evangélica» que compreende e realiza todas as coisas em chave de misericórdia; e de uma misericórdia dinâmica, não como um substantivo coisificado e definido nem como adjetivo que decora um pouco a vida, mas como verbo – «misericordiar» e ser «misericordiados». Isto impele-nos à ação no meio do mundo. E, além disso, como misericórdia «sempre maior», uma misericórdia que cresce e aumenta, indo de bem a melhor, de menos a mais, pois a imagem que Jesus nos oferece é a do Pai sempre maior – *Deus sempre maior* – e cuja infinita misericórdia «cresce», se assim podemos dizer, e não tem cimo nem fundo porque provem da sua liberdade soberana.

Primeira Meditação: Do distanciamento à festa

E agora passemos à primeira meditação. Dei-lhe o título: «Do distanciamento à festa». Se a misericórdia do Evangelho é, como dissemos, um excesso de Deus, um transbordamento inaudito, a primeira coisa a fazer é ver onde o mundo de hoje, e cada pessoa, mais precisa de um excesso de amor assim. A primeira coisa é perguntarmo-nos qual é o recetáculo para tal misericórdia; qual é o terreno deserto e seco para tal transbordamento de água viva; quais são as feridas para esse óleo de bálsamo; qual é a orfandade que tem necessidade deste desfazer-se em carinhos e atenções; qual é o distanciamento para uma sede tão grande de abraço e de encontro...

A parábola que vos proponho para esta meditação é a do Pai misericordioso (cf. *Lc 15, 11-31*). Encontramo-nos no âmbito do mistério do Pai. E o coração diz-me para começar do momento em que o filho pródigo está no meio da pocilga, naquele inferno do egoísmo que fez tudo o que lhe apeteceu e, em vez de ser livre, se encontra escravo. Fixa os porcos que comem bolotas..., sente inveja e vem-lhe a saudade. Saudade: palavra-chave. Saudade do pão recém-cozido que os assalariados de sua casa, a casa de seu pai, comem ao pequeno-almoço. A saudade, a nostalgia é um sentimento poderoso. Tem a ver com a misericórdia, porque nos alarga a alma. Faz-nos lembrar o bem primeiro – a pátria donde saímos – e acorda em nós a esperança de voltar. A nostalgia, o *nostos algos*. Em tal horizonte amplo da saudade, este jovem – diz o Evangelho – caiu em si e sentiu-se miserável. E cada um de nós pode procurar ou deixar-se levar até àquele ponto em que se sente mais miserável. Cada um de nós tem o seu segredo de miséria dentro... É preciso pedir a graça de o encontrar.

Não nos detenhamos agora a descrever quão miserável era o seu estado, mas passemos ao outro momento em que, depois de seu Pai o abraçar e beijar efusivamente, ele se vê sujo mas vestido de festa. Porque o pai não lhe disse: «Vai! Toma um banho e depois volta». Não. Sujo e vestido de festa. Gira no dedo o anel que o coloca a par do seu pai. Tem sandálias novas nos pés. Está no meio da festa, entre as pessoas. Algo parecido com o que sentimos nós, se já alguma vez nos aconteceu confessar-nos antes da Missa e imediatamente nos encontramos «revestidos» e no meio duma cerimónia. É um estado de dignidade envergonhada.

Dignidade envergonhada

Detenhamo-nos naquela «dignidade envergonhada» do filho pródigo e predileto. Se nos esforçarmos, serenamente, por manter o coração entre estes dois extremos – a dignidade e a vergonha –, sem descuidar nenhum deles, talvez possamos sentir como bate o coração do nosso Pai. Era um coração que batia ansioso, quando todos os dias subia ao terraço a olhar. E olhava o quê? Se o filho tornava... Mas, neste ponto, neste lugar onde há dignidade e vergonha, podemos perceber como bate o coração do nosso Pai. Podemos imaginar que a misericórdia jorra n'Ele como sangue. Sai à nossa procura – nós, pecadores –, atrai-nos para Si, purifica-nos e reenvia-

nos, renovados, a todas as periferias, para «misericordiar» a todos. O seu sangue é o Sangue de Cristo, sangue da Nova e Eterna Aliança de misericórdia, derramado por nós e por todos em remissão dos pecados. Contemplamos este sangue que entra e sai do seu Coração, e do coração do Pai. É o nosso único tesouro, a única coisa que temos para dar ao mundo: o sangue que purifica e pacifica tudo e todos. O sangue do Senhor que perdoa os pecados. O sangue que é verdadeira bebida, que ressuscita e dá vida ao que está morto por causa do pecado.

Na nossa oração, serena, que vai da vergonha à dignidade e da dignidade à vergonha – as duas juntas –, pedimos a graça de sentir esta misericórdia como constitutiva de toda a nossa vida; a graça de sentir como aquela pulsação do coração do Pai se une com o bater do nosso. Não basta sentir a misericórdia de Deus como um gesto que Ele realiza, ocasionalmente, ao perdoar-nos um pecado grande, para logo em seguida nos arranjarmos sozinhos, autonomamente. Isto não basta.

Santo Inácio propõe uma imagem que é própria da cavalaria do seu tempo, mas, sendo a lealdade entre amigos um valor perene, pode ajudar-nos. Diz ele que, para sentir «confusão e vergonha» pelos nossos pecados (sem deixar de sentir a misericórdia) podemos usar um exemplo: imaginemos que «um cavaleiro comparece diante do seu rei e de toda a sua corte, cheio de vergonha e confusão por tê-lo ofendido muito, depois de ter recebido dele inúmeros presentes e mercês» (*Exercícios espirituais*, 74). Imaginemos aquela cena. Entretanto, seguindo a dinâmica do filho pródigo na festa, podemos imaginar este cavaleiro como alguém que o rei, em vez de o envergonhar diante de todos, inesperadamente pega na mão dele e devolve-lhe a sua dignidade. E vemos que não só o convida para acompanhá-lo na sua batalha, mas coloca-o à frente dos seus companheiros. Com quanta humildade e lealdade o servirá este cavaleiro daqui em diante! Isto faz-me pensar na última parte do capítulo 16 de Ezequiel.

Quer nos sintamos como o filho pródigo festejado quer como o cavaleiro desleal transformado em superior, o importante é que cada um se situe nesta tensão fecunda em que nos coloca a misericórdia do Senhor: não só pecadores perdoados, mas pecadores dignificados. O Senhor não só nos limpa, mas coroa-nos, dá-nos dignidade.

Simão Pedro oferece-nos a imagem do ministério desta tensão salutar. O Senhor educa-o e, gradualmente, forma-o e exercita-o para permanecer assim: Simão e Pedro. O homem comum, com as suas contradições e fraquezas, e o homem que é Pedra, o que tem as chaves, o que guia os outros. Quando André o leva a Cristo assim como está, vestido de pescador, o Senhor dá-lhe o nome de Pedra. Acabara apenas de elogiar a sua confissão de fé, que vem do Pai, e já o repreende duramente porque tentado a escutar a voz do espírito maligno quando diz a Jesus para pôr de lado a cruz. Convidá-lo-á a caminhar sobre as águas e deixá-lo-á começar a afundar no seu próprio medo, para de imediato lhe estender a mão; logo que se confessa pecador, dar-lhe-á a missão de ser pescador de homens; interrogá-lo-á repetidamente sobre o seu amor, fazendo-lhe sentir pesar e vergonha pela sua deslealdade e covardia, mas também três vezes lhe confiará o pastoreio das suas ovelhas. Sempre estes dois polos...

Temos, portanto, de nos colocar neste espaço onde convivem a nossa miséria mais vergonhosa e a nossa dignidade mais alta. Que sentimos quando as pessoas nos beijam a mão e olhamos a nossa miséria mais íntima e somos honrados pelo Povo de Deus? Temos aqui outra situação para entender isto. Sempre o contraste. Devemos situar-nos aqui, no espaço onde convivem a nossa miséria mais vergonhosa e a nossa dignidade mais alta. O mesmo espaço. Sujos, impuros, mesquinhos, vaidosos – é um pecado de padres, a vaidade –, egoístas e, ao mesmo tempo, com os pés lavados, chamados e escolhidos, ocupados na distribuição dos seus pães multiplicados, abençoados pelo nosso povo, amados e cuidados. Só a misericórdia torna suportável esta posição. Sem ela, ou nos cremos justos como os fariseus ou nos afastamos como aqueles que não se sentem dignos. Em ambos os casos, endurece-se o nosso coração. Ou quando nos sentimos justos como os fariseus, ou quando nos afastamos como aqueles que não se sentem dignos. É verdade que não me sinto digno, mas não devo afastar-me, devo permanecer ali: na vergonha com a dignidade, as duas juntas.

Aprofundemos um pouco mais. Perguntemo-nos: Porque é tão fecunda esta tensão entre miséria e dignidade, entre distanciamento e festa? Diria que é fecunda, porque mantê-la nasce duma decisão livre. E o Senhor, embora nos ajude em tudo, atua principalmente sobre a nossa liberdade. A misericórdia é questão de liberdade. O sentimento brota espontâneo e, quando dizemos que é visceral, poderia parecer sinónimo de «animal». Mas não! Os animais não conhecem a misericórdia «moral», embora alguns possam experimentar algo dessa compaixão, como um cão fiel que permanece ao lado do seu dono enfermo. A misericórdia é uma comoção que toca as entranhas, mas pode brotar também duma perceção intelectual aguda – direta como um raio, simples mas nem por isso menos complexa –: uma pessoa intui muitas coisas quando sente misericórdia. Compreende, por exemplo, que o outro se encontra numa situação desesperada, numa situação-limite; verifica-se nele algo que excede os seus pecados ou as suas culpas; percebe também que o outro é igual a si, poderia estar no seu lugar; e que o mal é tão grande e devastador que não se resolve apenas com a justiça... No fundo, a pessoa convence-se de que é necessária uma misericórdia infinita como a do coração de Cristo, para remediar tanto mal e sofrimento que vemos na vida dos seres humanos... Menos do que ela, não basta. Quantas coisas intui a nossa mente simplesmente ao ver alguém deitado na rua, descalço, numa manhã fria ou ao ver o Senhor pregado na cruz por mim!

Além disso, a misericórdia ou se aceita e cultiva ou se rejeita livremente. Se uma pessoa se deixa levar, um gesto traz outro. Se uma pessoa passa ao largo, o coração resfria-se. A misericórdia faz-nos experimentar a nossa liberdade e, nisto, podemos experimentar a liberdade de Deus, que «usa de misericórdia com quem for misericordioso» (cf. *Dt 5, 10*), como disse a Moisés. Na sua misericórdia, o Senhor expressa a sua liberdade; e nós, a nossa.

Podemos viver muito tempo «sem» a misericórdia do Senhor. Isto é, pode-se viver sem estar consciente dela e sem a pedir explicitamente, até que a pessoa se apercebe de que «tudo é misericórdia» e então chora amargamente por não a ter aproveitado antes... e tanto precisava

dela!

A miséria de que falamos é a miséria moral, não transferível; nela, toma-se consciência de si mesmo como pessoa que, num momento decisivo da sua vida, agiu por iniciativa própria: escolheu algo e escolheu errado. Aqui está o fundo que é preciso tocar para sentir dor pelos pecados e arrepender-se verdadeiramente. Com efeito, noutras áreas, a pessoa não se sente tão livre nem sente que o pecado afeta negativamente toda a sua vida e, conseqüentemente, não experimenta a sua miséria; e assim perde a misericórdia, que só atua sob aquela condição. Uma pessoa não vai à farmácia para dizer: por misericórdia, dê-me uma aspirina. Por misericórdia, pede que lhe deem morfina para alguém a braços com as dores atrozes duma doença terminal. Ou tudo ou nada. Ou se penetra profundamente, ou não se entende nada.

O coração que Deus une a esta nossa miséria moral é o Coração de Cristo, seu Filho amado, que pulsa como um só coração com o do Pai e o do Espírito. Quando Pio XII fez a [Encíclica sobre o Sagrado Coração de Jesus](#), recordo que alguém dizia: «Porquê um Encíclica sobre isto? São coisas de freiras...» É o centro; o Coração de Cristo é o centro da misericórdia. Talvez as freiras entendam melhor do que nós, porque são mães na Igreja, são ícones da Igreja, de Nossa Senhora. Mas o centro é o Coração de Cristo. Far-nos-á bem ler esta semana ou amanhã [Haurietis aquas](#)... «Mas é pré-conciliar!» – Sim, mas faz bem! Pode-se ler, far-nos-á muito bem! O coração que Deus une a esta nossa miséria moral é o coração de Cristo, seu Filho amado, que bate como um só coração com o do Pai e do Espírito. É um coração que escolhe a estrada de fazer-se próximo e se compromete. Isto é próprio da misericórdia, que suja as mãos, toca, entra em jogo, quer envolver-se com o outro, *atende a pessoa no que tem de mais pessoal*, não «se ocupa de um caso» mas compromete-se com uma pessoa, com a sua ferida. Atenção à nossa linguagem. Muitas vezes, sem nos darmos conta, apetece-nos dizer: «Tenho um caso...». Alto lá! Diz antes: «Tenho uma pessoa que...» Isto é muito clerical: «Tenho um caso...», «encontrei um caso...». Sucede muitas vezes também a mim. Há aqui um pouco de clericalismo: reduzir a concretização do amor de Deus, daquilo que Deus nos dá, da pessoa, a um «caso». E assim mantenho-me separado, e não me toca. E assim não sujo as mãos; e assim faço uma pastoral limpa, elegante, onde não corro qualquer risco. E onde – não vos escandalizeis! – nem mesmo tenho a possibilidade de um pecado vergonhoso. A misericórdia ultrapassa a justiça, e fá-lo saber, fá-lo sentir; ficam implicados um com o outro. Conferindo dignidade – e isto é decisivo, não o esqueçamos: a misericórdia dá dignidade –, a misericórdia eleva aquele sobre quem a pessoa se abaixa e torna a ambos iguais, o misericordioso e o «misericordiado». Como a pecadora do Evangelho (*Lc 7, 36-50*), a quem muito foi perdoado, porque amou muito, e pecara muito.

Por isso, o Pai precisa de fazer festa, para que *se restaure tudo duma vez só*, devolvendo ao seu filho a dignidade perdida. Isto permite olhar o futuro duma maneira nova. Não é que a misericórdia não tenha em conta a objetividade do dano causado pelo mal; mas *tira-lhe poder sobre o futuro* – isto é o poder da misericórdia –, tira-lhe poder sobre a vida que continua. A misericórdia é a verdadeira atitude de vida que se opõe à morte, que é o fruto amargo do pecado.

Nisto, é lúcida a misericórdia; não é ingénuo de modo algum. Não é que não vê o mal, mas vê como a vida é curta e todo o bem que fica por fazer. Por isso, deve-se perdoar totalmente, para que o outro olhe para diante e não perca tempo a culpar-se e a lamentar-se de si mesmo e do que se perdeu. Enquanto caminha para ir curar os outros, a pessoa vai fazendo o seu exame de consciência e, na medida em que ajuda os outros, reparará o mal cometido. A misericórdia é, fundamentalmente, esperançosa. É mãe de esperança.

Deixar-se atrair e enviar pelo movimento do coração do Pai é manter-se naquela tensão salutar da dignidade envergonhada. Deixar-se atrair pelo centro do seu coração, como sangue que se inquinou quando foi dar vida aos membros mais distantes, para que o Senhor nos purifique e lave os pés; deixar-se enviar cheios do oxigênio do Espírito para levar vida a todos os membros, especialmente aos mais afastados, frágeis e feridos.

Narrava um padre – isto aconteceu mesmo – que uma pessoa sem-abrigo acabou vivendo num hospício. Aqui vivia fechado na sua própria amargura, não interagia com os outros. Pessoa culta – soube-se mais tarde. Passados tempos, este homem foi parar ao hospital por uma doença terminal e – contara ele ao padre – quando lá estava, perdido no seu nada e na sua decepção com a vida, o doente que estava na cama ao lado pediu que lhe passasse a escarradeira e se depois a esvaziava. E aquele pedido de alguém que verdadeiramente necessitava e estava pior do que ele, abriu-lhe os olhos e o coração a um sentimento fortíssimo de humanidade e a um desejo de ajudar o outro e de se deixar ele mesmo ajudar por Deus. E confessou-se. Assim, um simples ato de misericórdia ligou-o com a misericórdia infinita, teve a coragem de ajudar o outro e depois deixou-se ajudar a si mesmo: morreu confessado e em paz. Tal é o mistério da misericórdia.

Assim, deixo-vos com a parábola do pai misericordioso, depois de nos termos «situado» naquele momento em que o filho se sente sujo e revestido, pecador dignificado, envergonhado de si mesmo e orgulhoso de seu pai. O sinal para se saber se a pessoa está bem situada é o desejo de ser doravante misericordioso com todos. Aqui está o fogo que Jesus veio trazer à terra, aquele que acende outros fogos. Se a chama não se acende é porque algum dos polos não permite o contacto: ou a vergonha excessiva, que não «descobre os fios» e, em vez de confessar abertamente «fiz isto e aquilo», esconde; ou a dignidade excessiva, que toca as coisas com luvas de seda.

Os excessos da misericórdia

E, para terminar, uma palavra muito breve sobre os excessos da misericórdia. O único excesso possível face à excessiva misericórdia de Deus é exceder-se em recebê-la e no desejo de comunicá-la aos outros. O Evangelho mostra-nos muitos exemplos estupendos de pessoas que se excedem para a receber: o paralítico, que os amigos fazem entrar pelo teto no local onde o Senhor estava a pregar – exageram –; o leproso, que deixa os seus nove companheiros e regressa glorificando e agradecendo a Deus em voz alta e vai ajoelhar-se aos pés do Senhor; o

cego Bartimeu, que consegue deter Jesus com os seus gritos – e consegue também superar a «alfândega dos padres» para ir ter com o Senhor; a mulher hemorroíssa que, na sua timidez, examina como conseguir uma proximidade íntima com o Senhor e que, como diz o Evangelho, quando tocou o manto, o Senhor sentiu que «saía» d’Ele uma *dynamis*, uma força...; todos são exemplo deste contacto que acende um fogo e desencadeia a dinâmica: desencadeia a força positiva da misericórdia. E temos também a pecadora, cujas excessivas demonstrações de amor para com o Senhor, lavando-Lhe os pés com as suas lágrimas e enxugando-os com os seus cabelos, são para Jesus sinal de que recebeu muita misericórdia e, por isso, a expressa daquela forma exagerada. Mas a misericórdia sempre exagera, é excessiva! As pessoas mais simples, os pecadores, os enfermos, os possessos... são imediatamente exaltados pelo Senhor, que os faz passar da exclusão à inclusão plena, do distanciamento à festa. Isto só se compreende em chave de esperança, em chave apostólica e em chave de quem é «misericordiado» para «misericordiar».

Podemos concluir com o *magnificat* da misericórdia, o *Salmo 50 do Rei David*, que rezamos nas Laudes de todas as sextas-feiras. É o *magnificat* de «um coração contrito e humilhado» que, no seu pecado, tem a grandeza de confessar o Deus fiel, que é maior do que o pecado. Deus é maior do que o pecado. Situados naquele momento em que o filho pródigo esperava um tratamento distante e, em vez disso, o Pai fê-lo entrar plenamente numa festa, podemos imaginá-lo a rezar o Salmo 50. E, com ele, recitá-lo em dois coros: nós e o filho pródigo. Podemos ouvi-lo dizer: «Tem compaixão de mim, ó Deus, pela tua bondade; pela tua grande misericórdia, apaga o meu pecado...». E nós dizemos: «Pois eu [também] reconheço as minhas culpas e tenho sempre diante de mim os meus pecados». E, em uníssonos, dizemos: «Contra ti, Pai, pequei, só contra ti».

Rezemos a partir daquela tensão íntima que acende a misericórdia, aquela tensão entre a vergonha que diz: «Desvia o teu rosto dos meus pecados e apaga todas as minhas culpas»; e a confiança que diz: «Purifica-me com o hissopo e ficarei puro, lava-me e ficarei mais branco do que a neve». Uma confiança que se torna apostólica: «Dá-me de novo a alegria da tua salvação e sustenta-me com um espírito generoso. Então ensinarei aos transviados os teus caminhos, e os pecadores hão-de voltar para ti».